

A PRODUÇÃO ARGENTINA DE QUADRINHOS EM DISCUSSÃO: HUMOR E POLÍTICA NA REVISTA *HORTENSIA* (1971-1976)

Priscila Pereira

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

perecilapp@yahoo.com.br

Resumo:

Este trabalho aborda a produção de histórias em quadrinhos (HQs) na Argentina contemporânea, sobretudo os chamados quadrinhos de humor que apareceram na revista cordobesa *Hortensia* nos anos 70 do século passado. Interessa-nos, assim, entender os motivos pelos quais se forja uma linguagem humorística naquele contexto político específico, marcado pelas convulsões sociais detonadas pelo Cordobazo (1969) e pelas contundentes discussões que apontavam para uma revitalização do interior argentino. Neste sentido, pretendemos situar a obra de importantes quadrinhistas argentinos que estiveram ligados ao projeto político daquela revista em relação às questões políticas mais gerais daqueles tumultuados anos que antecederam o golpe militar de 1976.

Palavras-chave: História da Argentina Contemporânea; Humor gráfico; HQ Argentina; *Hortensia*.

Imprensa humorística e quadrinhos na Argentina

A produção de HQs na Argentina impressiona pela quantidade e qualidade dos trabalhos de seus autores, desenhistas e roteiristas, a ponto de ser quase impossível não reconhecer seu destaque no cenário latino-americano de produção de quadrinhos. Inclusive, fala-se da existência de uma *escuela argentina de historietas*, que conta com nomes reconhecidos nacional e internacionalmente, produzindo tanto dentro quanto fora da Argentina. Neste sentido, a pergunta de Gociol e Rosemberg sobre a existência de um caráter nacional na HQ deste país, não deixa de ser significativa: “É nacional *El eternauta* porque transcorre em Buenos Aires e não *Sargento Kirk* porque pertence à épica da conquista do Oeste norte-americano, ainda que as duas tenham sido escritas e desenhadas no país?”, retrucou com lucidez o desenhista Alberto Breccia, uma das tantas vezes que foi consultado. E arriscou uma resposta: “Se definirmos como

argentina a toda historieta realizada no país chegaremos seguramente à conclusão de que não somente existe uma historieta nacional mas que ela é uma das que tem deixado sua marca com mais força no mundo” (GOCIOL e ROSEMBERG: 2000, p. 15).

Ao analisarmos a história das historietas argentinas, veremos que no processo de constituição do campo das HQs neste país houve o estabelecimento de duas correntes principais: a HQ realista ou de aventura e os quadrinhos de humor ou *costumbristas*. Apesar da imprecisão conceitual, nos ocuparemos aqui sobretudo da HQ de humor e do humorismo gráfico, cuja tradição remonta aos periódicos satíricos que circulavam já na época do vice-reinado (SANGUILIANO: s/ data). No entanto,

El proceso de constitución del campo de la historieta en Argentina arrancó en la segunda parte del siglo XIX, cuando las revistas de humor político alcanzaron cierta masividad, en parte por los avances en los sistemas de impresión que abarataron costos y por ende el número potencial de lectores, en parte por ofrecer ilustraciones satíricas con textos cortos que facilitaban la lectura a cientos de miles de inmigrantes y de semi-analfabetos (VON SPRECHER: 2009, p. 2).

Quer dizer, é só a partir de meados do XIX, com o triunfo do liberalismo e com o processo de formação do Estado-Nação, que se estabelecem a imprensa e o jornalismo como indústria e profissão na Argentina. Neste contexto, se desenvolverão duas importantes publicações de humor gráfico, que se destacarão pela continuidade e duração no tempo: *El Mosquito e Don Quijote*. A primeira, um “periódico satírico-burlesco” que surgiu em 1863 e durou 31 anos, era editada pelo francês Henri Stein, satirizando “as negociatas, costumes, batalhas, visitas ilustres, leis criticáveis, a Guerra do Paraguai e demais acontecimentos que marcaram a presidência de Bartolomé Mitre” (FONSECA: 1999, p. 189). Já *Don Quijote* apareceu em 1884 sob a direção do espanhol Eduardo Sojo, e em suas páginas brilharam os gênios de Manuel Mayol (Heráclito) e José Maria Cao (Demócrito II), que se destacaram pelas caricaturas mordazes. Comparando-se os dois periódicos,

Si *El Mosquito* representó y participó, de alguna manera, en la formación y consolidación del Estado oligárquico, *Don Quijote* representó los comienzos de su impugnación por las clases económicamente beneficiadas por el modelo exportador, pero políticamente excluidas (BURKART: 2007, pp. 1-9)

Além dessa diferença, é possível observar nessas primeiras revistas de humor gráfico argentino uma diferente concepção de humorismo que vai acompanhar toda a produção

subseqüente de HQs de humor: enquanto *Don Quijote* concebia o humor em um sentido militante, virulento e comprometido, *El Mosquito* se valia mais de um discurso humorístico universal, cujos chistes poderiam cair sobre qualquer um. Segundo a conceituação que se segue

À margem do humor destas publicações que se conhece como “comprometido”, segue-se cultivando na Argentina um humor mais universal, tanto por sua atemporalidade como pelo arquétipo de suas sátiras; é o humor pelo humor mesmo que caracteriza revistas como “Rico Tipo”(…) ou “Patoruzú”, cujos textos e piadas gráficas podem interpretar-se em qualquer época sem necessidade de conhecer os fatos que pudessem ter determinado tal enfoque humorístico (VÁZQUEZ LUCIO: 1985, p. 441).

Em 1898 surgirá a primeira revista argentina de HQ, capitaneada pelos espanhóis Pellicer e Manuel Mayol. *Caras y Caretas* demonstrou “profundo interesse em elevar a caricatura e a sátira às suas maiores alturas”. Entre seus humoristas gráficos, destacaram-se José Maria Cao, Villalobos, Mayol e José Sixto Álvarez (Fray Mocho), entre outros. Entretanto, a idéia de um humor político combativo e militante é abandonada pela revista, que não segue as pegadas de *Don Quijote*.

Já bem entrado o século XX, surgirão muitas outras publicações humorísticas, que oscilarão entre o humor de corte mais aguerrido e engajado, e um humor mais atemporal e universal. *Cascabel*, publicação antiperonista criada em 1941 por Jorge Piacentini, marcará o “retorno do humor político”, uma vez que a revista “acompañó y retrató en sus páginas el fin de la “década infame” (1930-1943), el golpe de estado de 1943 y los primeros años del peronismo en cuanto a la política interna del país y la Segunda Guerra Mundial en lo internacional” (BURKART: 2007, pp. 1-9). Neste sentido, concordamos com a análise de Mara Burkart, segundo a qual

El errático camino de la política argentina entre la democracia y el autoritarismo y su impacto en el campo cultura y social se encuentra representado en las caricaturas, los chistes, las historietas y en notas humorísticas de la época y ha marcado el devenir de cada una de las publicaciones (Ídem).

No contexto de sucessivos governos ditatoriais que marcaram a história mais recente da república Argentina, muitos artistas se utilizaram do humor e da sátira como arma de denúncia e como maneira de expor suas idéias e driblar a censura. Os anseios de trazer à luz as “histórias reais” escamoteadas pelos regimes de exceção – como é o caso da

negação da existência dos desaparecidos – alimentaram um conjunto de iniciativas que se sedimentaram em publicações humorísticas que conseguiram manter certo grau de autonomia em relação à férrea censura e à silenciosa autocensura (LEVIN: 2009). Um exemplo desse caráter contestatório é *Tía Vicenta*, que apareceu no final dos anos 50 por iniciativa de Landru. A revista “renovou as tradições do comentário satírico, irônico, insolente. Sofreu as conseqüências disso, pois foi suprimida, no final dos anos 1960, pelo governo militar do General Onganía” (FONSECA, 1999, p. 197). Além disso,

En cuanto al humor político, si *Cascabel* retomaba la tradición de *Don Quijote*, *Tía Vicenta* lo hacía de *El Mosquito*. *Tía Vicenta* tuvo una gran capacidad de acomodarse a los cambios de gobierno ya fueran estos “democráticos” o militares. (BURKART: 2007, pp. 1-9)

Nos anos 1970, apareceram outras publicações de oposição ao poder, como *Satiricón* e *Humor Registrado*. A primeira caracterizou-se por sua irreverência e intrepidez, sendo que muito humoristas gráficos conhecidos e comprometidos politicamente trabalharam nela. *Satiricón* foi fechada por ordem de um decreto da então presidenta Isabel Perón, influenciada pela Igreja Católica. No que se refere a *Humor Registrado*, ou simplesmente *Hum*®, que apareceu em 1978 em oposição à última ditadura militar argentina, destaca-se sua estratégia de apropriação do discurso oficial para subvertê-lo, de modo a fazer emergir vozes dissidentes. A revista se concebeu como “publicação de humor gráfico massiva e independente e se caracterizou por brincar com os limites da cultura dominante e oficial de uma posição marginal. Ao operar das margens se encontrou com a possibilidade de transpor os limites da censura e desafiá-la” (Idem).

Humor e política em *Hortensia*

Em 1971 surgirá na província de Córdoba uma publicação humorística que marcará época, e cuja criação será responsável pela revitalização do humor argentino dos anos subsequentes. A revista *Hortensia* nascerá de um projeto encabeçado pelo seu fundador e diretor, o humorista gráfico e editor Alberto Cognigni¹, em conjunto com sua esposa e secretária de publicação, Sara Catán. No primeiro número da revista, publicado em 21 de agosto de 1971, fica claro a iniciativa pouco pretensiosa de Cognigni, que sob o pseudônimo de “El Irresponsable”, assinou o editorial da publicação com as seguintes palavras

La mayor virtud de los cordobeses, esa irrespetuosa afectividad; esas ganas de reírse de alguien y que se rían de él, apresuró este parto que se llama Hortensia. La legendaria Papa le presta su nombre a una revista con propósitos altamente indefinidos. Una publicación con vocación de fayuta, capaz de durar un solo número, no merece ninguna confianza de nadie – ni siquiera la nuestra – pero hay algo que nos consuela: ninguna revista sobrevivió demasiado tiempo en Córdoba (“Carta al que Lee”, *Hortensia*, 21/08/1971).

Entretanto, o prognóstico sobre a efemeridade da publicação, além da ênfase no caráter displicente e sem propósitos da mesma, não se manteve com o passar do tempo, já que *Hortensia* se tornou um sucesso de público e crítica, sobrevivendo no cenário do humor gráfico nacional durante 19 anos. Inicialmente como publicação quinzenal, a revista teve tal êxito que era esperada por ávidos leitores de toda a Argentina, sobrepujando seu âmbito local e contando com tiragens cada vez maiores: dos 2000 números impressos em 1971, superou-se a marca dos 100 mil tempos depois.

É importante destacar que *Hortensia* emerge no cenário cordobês num contexto de grande agitação e conflitualidade social. Não é por acaso que parta de Córdoba esse processo de revitalização do humor, já que dois anos antes a província havia sido notícia por causa do *Cordobazo* – movimento operário e estudantil que estourou na região no contexto da ditadura de Onganía. Como resultado da movimentação contra o autoritarismo do governo, o ditador foi substituído pelo general Roberto M. Levingston, que por sua vez cederá o poder ao general Lanusse meses mais tarde. Quer dizer, a província acabou protagonizando um importante movimento que se inscreve num contexto mais amplo de acérrimas disputas entre o regional e o nacional, a “democracia” e o autoritarismo, *o litoral cosmopolita e moderno e o interior criollo e tradicional*. Enfim, “foi a partir da crise açucareira tucumana e fundamentalmente do Cordobazo em maio de 1969 que as complexas e variadas problemáticas do interior passaram a ocupar um lugar central na vida política da nação” (HEALEY: 2003 p. 171).

Além disso, é possível identificar outros acontecimentos que contribuíram para que a província vivesse um momento sócio-histórico tão convulsionado. Destaca-se, assim, o *Viborazo* – também conhecido como “segundo Cordobazo” –, a aparição da revista *Jerónimo* e de *Pasado y Presente* no âmbito intelectual, bem como a ressonância em cenário cordobés do movimento internacional “Sacerdotes do Terceiro Mundo”. Em outras palavras

Decimos que Hortensia capta desde su surgimiento ese momento en que la hegemonía estaba en cuestión y durante el cual Córdoba adquiriría una nueva configuración urbana, propia de las ciudades modernas, consecuencia de la expansión industrial iniciada en la década del '50. (MIGUEL, 2008, p. 8)

Mas como explicar o êxito da revista, que manteve certa fidelidade de seus leitores durante tantos anos? Por que *Hortensia* teve uma longa duração, já que é sabido que a publicação atravessou processos tão complexos e distintos, como os anos de decomposição do peronismo e a ditadura inaugurada com o *Proceso de Reorganización Nacional* em 1976? Ora, se considerarmos que a revista foi a única publicação de humor do interior que conseguiu transpor as *muralhas portenhas* de produção de humor gráfico, tais questionamentos se tornam ainda mais relevantes.

Segundo Cognigni, a tradição universitária da cidade – que lhe valeu o epíteto de “La Docta” -, somada ao fato de que muitos cordobeses viviam fora de Córdoba e, portanto, nutriam um sentimento nostálgico pela província, seriam explicações para o sucesso de *Hortensia*. Além do mais, para o criador dessa publicação humorística

Lo que sí creo yo es que en Córdoba de alguna manera se expresa una *geografía del humor*. No por el chiste (...) sino por la mecánica subjetiva y el manejo del absurdo, que es tan personal del cordobés (...) El humor de Córdoba es un humor inteligente, que concilia muy bien con la imagen de una ciudad recreada culturalmente a través de sus grandes centros de estudios (COGNIGNI.: 1986, p. 91. Grifo nosso).

Além dos motivos elencados, é possível pensar no vazio causado no mercado portenho após a desapareção de *Tía Vicenta*, acrescido às reiteraões das revistas *Rico Tipo* e *Patoruzú*, que acabaram cansando os leitores. Quer dizer, “com ela [com *Hortensia*] ressurgiu uma velha linhagem popular e picaresca, que encontra no humor uma maneira de sobrevivência, afirmação da própria personalidade e também da dignidade” (GOCIOL Y ROSEMBERG: 2000 p. 47.)

Outra questão importante diz respeito ao localismo da revista, e como esta conseguiu ampla projeção nacional apesar dele. De fato, a aparição de *Hortensia* consagrou definitivamente o chamado “humor cordobés”, o que pode nos remeter à assertiva de Cognigni sobre a suposta existência de uma *geografía do humor* em Córdoba. De acordo com Vázquez Lucio, a revista teve dificuldades de se promover num âmbito nacional durante a sua trajetória, como atesta a negativa de uma emissora

de TV que não quis divulgar *Hortensia* por causa dos nomes de alguns de seus personagens, como *Inodoro* e *Negrazón*² (VÁZQUEZ LUCIO: 1985). Com efeito, é possível pensar a inserção da publicação nos circuitos nacionais da Argentina dos anos 70 no contexto de deslocamento do centro de gravidade da política deste país em direção ao interior. Em outras palavras, a proeminência de *Hortensia* deve ser vista também como uma disputa pela centralidade política, econômica e cultural com Buenos Aires, tendo em vista que “a partir da nova posição que a cidade adquiriu com o desenvolvimento industrial, propôs uma renovação em todos os âmbitos, do sindical e empresarial até o cultural” (MIGUEL: 2008 p. 11). Por outro lado

Este acento que propone la revista en lo cordobés y lo popular la ubica en una posición que podríamos definir como periférica, si pensamos que Córdoba tenía una posición subordinada con respecto a Buenos Aires y que la cultura popular estaba fuera de los discursos de los medios de entonces (Idem, ibidem).

Alguns estudos atuais têm demonstrado que, com o passar do tempo, e até mesmo no sentido de *manter-se integrada no concerto de vozes do humor gráfico nacional durante vários anos*, a revista foi perdendo seu localismo (OSORIO: 2008). Assim sendo, a perda de seus caracteres idiossincráticos está relacionada principalmente à morte de seu idealizador, Cognigni, em 1983, e à nomeação de Roberto di Palma como novo diretor de *Hortensia*. Todavia, é preciso que se façam mais investigações sobre a mudança da agenda política da revista cordobesa no decorrer do tempo, tema que excede a periodização deste trabalho.

A revista recebeu este nome em referência a uma conhecida figura que circulava no bairro de Santa Ana, uma senhora que fazia gracejos e dizia palavrões enquanto vendia bulbos de hortênsia pelas ruas de Córdoba. Daí o nome da revista “Hortensia, la papa” em homenagem à *Papa de Hortensia*. Aliás, as capas da publicação costumavam vir acompanhadas com uma etiqueta, “La Papa”, além de apresentar seu lema de maneira explícita: “Acá estoy para decir lo que me antoja... o no?”³. Quer dizer, desde seu primeiro número a revista ressaltava sua suposta liberdade, e sua pretensão de fazer humor a partir do seu entorno, de maneira a dessacralizar a tudo e a todos através de determinada concepção humorística. “Parecia que a través de Hortensia, Córdoba se había convertido en el ombligo humorístico del país”, segundo palavras de Alejandro Mareco. Mas qual era o discurso humorístico de *Hortensia*? Qual a concepção de

humor vigente entre seus desenhistas, colaboradores e conselho editorial? Quais são os recursos humorísticos empregados para produzir o chiste? Vejamos o que o próprio Cognigni diz sobre o tema

Otra causa es que practicamos un humor difícil de hacer: no se apoya ni en lo político ni en la sugerencia sexo, porno, etc (recursos estos siempre propicios para el éxito inmediato, y de no ser así, por lo menos son buenos recursos al fin de vender publicaciones). Entonces resulta que Hortensia se ubica en un espectro muy amplio de la familia y dentro, también, del grupo social. Es leída por gente de todos los sectores y procuramos que no se intelectualice en exceso ni tampoco que llegue a mediocrizarse (CAGNIGNI: 1986, p. 92).

Observa-se, então, que o humor produzido por Hortensia não é político *a priori*, pelo menos não no sentido do “humor político” de outras publicações humorísticas, como *Hum@*, de Andrés Cascioli (BURKART: 2007). Não obstante, “ainda que em “Hortensia” a política não é no início um tema habitual, quando a mesma é abordada não se anda com rodeios” (VÁZQUEZ LUCIO, 1985, p. 183). De qualquer modo,

En Hortensia no hay un “otro” objeto de burla porque no hay un “nosotros” excluyente: Se trata de un colectivo heterogéneo sin un “objetivo político” acordado (MIGUEL: 2008, p. 10).

Segundo interpretação de Mónica Miguel, o humor produzido em *Hortensia* não deve ser entendido nem a partir da abordagem freudiana de agressão, nem de acordo com a concepção de humilhação de Bérghson. Pelo contrário, a autora propõe que se pense o humor de *Hortensia* como algo não degradante para o outro, ainda que ele opere com categorias transgressoras e, tal e qual todo discurso humorístico, seja um questionamento e uma crítica à norma. A crítica feita pela revista seria resultado da representação do social através do humor.

La crítica política y social que realiza *Hortensia* es un cuestionamiento político-social implícito, que apela a la parodia y al lenguaje coloquial, al espacio local urbano y otorga relieve a los personajes que representan al sector popular (Ídem, p. 11)

Quer dizer, o humor produzido na publicação de Cognigni investiu de protagonismo o espaço público e o elemento urbano, o que se explica pelo contexto inaugurado pelo *Cordobazo* e por outros movimentos de revitalização cultural dos anos 60⁴. É por este motivo que algumas temáticas que aparecem no discurso humorístico de *Hortensia* estão relacionadas a certa carnavalização do mundo, a um olhar ao revés sobre a

realidade social. Na representação do social operada pela revista, aparece claramente a suspensão das hierarquias, a contaminação entre sagrado e profano e entre culto e popular, de modo que se desnaturalizem as convenções sobre as quais está assentado o mundo. Ou seja, *Hortensia cria lugares de tensão a partir dos quais é possível pensar o social*.

Como recursos humorísticos, encontramos a paródia, o absurdo, o jogo de palavras, a ironia, o sarcasmo, que contribuem para gerar a comicidade e o efeito de burla. A paródia, por exemplo, foi largamente utilizada pelo historietista Roberto Fontanarrosa, que nas páginas de *Hortensia* lançou um de seus personagens de maior prestígio, o gaúcho Inodoro Pereyra. Além de Fontanarrosa, *Hortensia* contou com a participação de numerosos colaboradores, que encontraram em suas páginas a cálida recepção para suas produções, como foi o caso de Crist (Cristóbal Reinoso), Bróccoli, Ian, Chamartín, Peiró e Sábat.

¹ De acordo com o humorista gráfico Crist, “Alberto era así, desmesurado, un hincha, un entusiasta, un niño. Creía, como Salinger, que Córdoba y París eran limítrofes. El Sena se fundía en la Cañada, Nueva York era Nueva Córdoba, Londres un lugar cercano donde hacía revistas de humor para ver a través de la niebla. Buenos Aires un lugar donde se distribuía Hortensia, su sueño. Cognigni era fellinesco, juntaba todo como en un circo y era a la vez el payaso y el maestro de ceremonias”.

² Inodoro é o nome do personagem Inodoro Pereyra, criado pelo rosarino Roberto Fontanarrosa nas páginas de *Hortensia*. Literalmente, “inodoro” significa *vaso sanitário*

³ “Aquí estoy para dizer aquilo que me dá vontade, ou não?” [tradução nossa].

⁴ Segundo entrevista concedida por um dos participantes da fundação de *Hortensia*, o humorista gráfico Crist, em 23/06/2009, o contexto de ebulição e vontade de mudança dos anos 60 pode ter influenciado na criação da revista, já que o clima de contracultura e a sensação de viver-se um momento de inflexão estava presente em todos os lados: “Fue el momento más feliz que tuvimos nosotros. (...) El mundo estaba en ebulición. Todos queríamos cambiar. Mirábamos lo imposible. La imaginación al poder”.

Bibliografía:

ALDANA, Fabiola, “La historieta como traducción cultural” in Lisa BRADFORD (comp); *La cultura de los géneros*; Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 2001.

BURKART, Mara Elisa; “La prensa de humor político en Argentina, de *El Mosquito* a *Tía Vicenta*” in *Question: La Plata*, Nº 15. Invierno 2007.

_____, “La oposición de la revista Hum® a la política económica de la dictadura militar (1978-1979) in *Intersticios Revista Sociológica de Pensamiento Crítico*: vol. 1, nº 2, junio 2007.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas Estratégias para entrar e sair da Modernidade*; São Paulo: Edusp, 1997.

COGNIGNI, Alberto “Hortensia y el humor” in *Sexta Bienal 100 años de humor e historieta argentinos*: Municipalidad de Córdoba: Córdoba, 1986.

FONSECA, Joaquim da; *Caricatura: a imagem gráfica do humor*; Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GETINO, Octavio; *Las industrias culturales en la Argentina*; Colihúe: Buenos Aires, 1995.

GOCIOI, Judith e ROSEMBERG, Diego; *La Historieta Argentina Una Historia*; Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2000.

GUTIÉRREZ, José Maria; *La historieta Argentina De la caricatura política a las primeras series*; Ediciones de la Biblioteca Nacional y Pagina/12; Buenos Aires, 1999.

El libro de Hortensia; Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores, 1973.

HEALEY, Mark Alan; “El interior en disputa: proyectos de desarrollo y movimientos de protesta en las regiones extrapampeanas” in JAMES, Daniel (dir.), *Nueva Historia Argentina: Violencia, proscripción y autoritarismo (1955-1976)*, Buenos Aires, Sudamericana, 2003.

LEVÍN, Florencia Paula; “De matones, represores y miembros de la pesada en el humor gráfico del diario *Clarín* – Argentina 1973-1983” *Diálogos de la comunicación*: nº78, enero-julio 2009.

MIGUEL, Mónica; “El discurso humorístico de Hortensia en la Córdoba de los ‘70” in Mónica Miguel, Mauro Osorio e Cristian Pérez. *Cuadernos de Investigación Humor e Identidad en Córdoba*: Damián Truccone: nº 01, junio de 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; *Porto Alegre Caricata: a imagem conta a história*; Porto Alegre, EU/ Secretaria Municipal da Cultura, 1993.

RIVERA, Jorge; “Historia del humor gráfico argentino” en Ford, A.; Rivera J., E. Romano: *Medios de Comunicación y Cultura Popular*. Legasa. Buenos Aires, 1985.

SACCOMANNO, Guillermo y TRILLO, Carlos; *Historia de la historieta argentina*; Buenos Aires: Ediciones Record, 1980.

SANGUILIANO, Héctor Sanyú (recopilación gráfica); MARTINEZ, Viviana e SFORZA (Investigación histórica); *100 años de historieta en el mundo La historieta en la historia argentina*; Buenos Aires: AIGLÉ Ediciones; s/ data.

SANTIS, Pablo; *La historieta en la edad de la razón*; Paidós: Buenos Aires, 1998.

VÁZQUEZ LUCIO, Oscar; *Historia del humor gráfico y escrito en la Argentina. Tomo 1e II*; Eudeba. Buenos Aires, 1985a.

VON SPRECHER, Roberto; “Desarrollo del campo de la historieta argentina. Entre la dependencia y la autonomía” in *Diálogos de la comunicación*: n°78, enero-julio 2009.